



CATEQUESE – Eu creio em Deus Pai “Onipotente” e “Criador do céu e da terra” 14

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 6 de fevereiro de 2013

Queridos irmãos e irmãs,

O Credo, que inicia qualificando Deus como “Pai Onipotente”, como meditamos na semana passada, acrescenta que Ele é o “Criador do céu e da terra”, e remete assim à afirmação com a qual inicia a Bíblia. No primeiro versículo da Sagrada Escritura, de fato, se lê: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gen 1,1): é Deus a origem de todas as coisas e na beleza da criação se desdobra a sua onipotência de Pai que ama.

Deus se manifesta como Pai na criação, enquanto origem da vida, e ao criar, mostra a sua onipotência. As imagens usadas pela Sagrada Escritura a este respeito são muito sugestivas (cfr Is 40,12; 45,18; 48,13; Sal 104,2.5; 135,7; Pr 8, 27-29; Gb 38–39). Ele, como um Pai bom e poderoso, cuida daquilo que criou com um amor e uma fidelidade que não são nunca menores, dizem repetidamente os Salmos (cfr Sal 57,11; 108,5; 36,6). Assim, a criação torna-se lugar no qual conhecer e reconhecer o poder do Senhor e a sua bondade, e torna-se apelo à fé de nós crentes para que proclamemos Deus como Criador. “Pela fé, - escreve o autor da Carta aos Hebreus – reconhecemos que o mundo foi formado pela palavra de Deus e que as coisas visíveis se originaram do invisível” (11, 3). A fé implica, portanto, saber reconhecer o invisível identificando o traço no mundo visível. O crente pode ler o grande livro da natureza e entender sua linguagem (cfr Sal 19,2-5); mas é necessária a Palavra de revelação, que suscita a fé, para que o homem possa chegar à plena consciência da realidade de Deus como Criador e Pai. É no livro da Sagrada Escritura que a inteligência humana pode encontrar, à luz da fé, a chave de interpretação para compreender o mundo. Em particular, ocupa um lugar especial o primeiro capítulo do Gênesis, com a solene apresentação da obra criadora divina que se desdobra ao longo de sete dias: em seis dias Deus cumpre a criação e no sétimo dia, o sábado, cessa todas as atividades e descansa. Dia de liberdade para tudo, dia da comunhão com Deus. E assim, com esta imagem, o livro do Gênesis nos indica que o primeiro pensamento de Deus era encontrar um amor que responda ao seu amor. O segundo pensamento é criar um mundo material onde colocar este amor, estas criaturas que em liberdade lhe respondam. Tal estrutura, portanto, faz com que o texto seja marcado por algumas repetições significativas. Por seis vezes, por exemplo, aparece repetida a frase: “Deus viu que era coisa boa” vv. 4.10.12.18.21.25), para concluir, a sétima vez, depois da criação do homem: “Deus viu o quanto havia feito, e de fato, era coisa muito boa” (v. 31). Tudo aquilo que Deus cria é belo e bom, cheio de sabedoria e de amor; a ação criadora de Deus traz ordem, harmonia, doa beleza. No relato de

Gênesis, então, emerge que o Senhor cria com a sua palavra: por dez vezes se lê no texto a expressão “Deus disse” (vv. 3.6.9.11.14.20.24.26.28.29). É a palavra, o Logos de Deus que é a origem da realidade do mundo dizendo: “Deus disse”, foi assim, enfatiza o poder eficaz da Palavra divina. Assim canta o Salmista: “Da palavra do Senhor foram feitos os céus, do sopro de sua boca cada ordem ..., porque ele falou, tudo foi criado, ordenou e tudo foi cumprido” (33, 6. 9). A vida surge, o mundo existe, porque tudo obedece à Palavra divina.

Mas a nossa pergunta hoje é: na época da ciência e da técnica, ainda tem sentido falar de criação? Como devemos compreender as narrações de Gênesis? A Bíblia não quer ser um manual de ciências naturais; quer, em vez disso, fazer compreender a verdade autêntica e profunda das coisas. A verdade fundamental que os relatos de Gênesis nos revelam é que o mundo não é um conjunto de forças entre conflitantes, mas tem a sua origem e a sua estabilidade no Logos, na Razão eterna de Deus que continua a sustentar o universo. Isso é um desígnio sobre o mundo que nasce desta Razão, do Espírito criador. Acreditar que na base de tudo esteja isto, ilumina cada aspecto da existência e dá coragem para enfrentar com confiança e com esperança a aventura da vida. Depois, a escritura nos diz que a origem do ser, do mundo, a nossa origem não é o irracional ou as nossas necessidades, mas a razão e o amor e a liberdade. Disto a alternativa: ou prioridade do irracional, da necessidade, ou prioridade da razão, da liberdade, do amor. Nós acreditamos nesta última posição.

Mas gostaria de dizer uma palavra também sobre aquilo que é o ápice de toda a criação: o homem e a mulher, o ser humano, o único “capaz de conhecer e de amar o seu Criador” (Const. past. Gaudium et spes, 12). O Salmista, olhando para o céu, pergunta-se: “Quando contemplo o firmamento, obra de vossos dedos, a lua e as estrelas que lá fixastes: ‘que é o homem, digo-me então, para pensardes nele? Que são os filhos de Adão, para que vos ocupeis com eles?’” (8,4-5). O ser humano, criado com amor por Deus, é coisa bem pequena diante da imensidade do universo; às vezes, olhando fascinados para a enorme extensão do firmamento, também nós percebemos a nossa limitação. O ser humano é habitado por este paradoxo: a nossa pequenez e a nossa fragilidade convivem com a grandeza disso que o amor eterno de Deus quis para ele.

Os relatos da criação no Livro do Gênesis nos introduzem também neste misterioso âmbito, ajudando-nos a conhecer o projeto de Deus para o homem. Antes de tudo afirmam que Deus formou o homem com o barro da terra (cfr Gen 2,7). Isto significa que não somos Deus, não nos fizemos por nós mesmos, somos terra; mas significa também que viemos da terra boa, por obra do Criador bom. A isto chega outra realidade fundamental: todos os seres humanos são pó, para além das distinções feitas por cultura e história, para além de qualquer diferença social; somos uma única humanidade formada com o único fundamento de Deus. Aparece-vos, pois, um segundo elemento: o ser humano tem origem porque Deus inspira-lhe o sopro de vida no corpo modelado pela terra (cfr Gen 2,7). O ser humano é feito à imagem e semelhança de Deus (cfr Gen 1,26-27). Todos, então, trazemos em nós o sopro vital de Deus e cada vida humana – noz diz a Bíblia – está sob a particular proteção de Deus. Esta é a razão mais profunda da inviolabilidade da dignidade humana contra toda tentação de avaliar a pessoa segundo critérios utilitaristas e de poder. O ser à imagem e semelhança de Deus indica, então, que o homem não é fechado em si mesmo, mas tem uma referência essencial em Deus.

Nos primeiros capítulos do Livro de Gênesis encontramos duas imagens significativas: o jardim com a árvore do conhecimento do bem e do mal e a serpente (cfr 2,15-17; 3,1-5). O jardim nos diz que a realidade em que Deus colocou o ser humano não é uma floresta selvagem, mas lugar que protege, alimenta e sustenta; e o homem deve reconhecer o mundo não como propriedade a ser saqueada e explorada, mas como dom do Criador, sinal de sua vontade salvífica, dom a cultivar e proteger, de fazer crescer e desenvolver no respeito, na harmonia, seguindo os ritmos e a lógica, segundo o desígnio de Deus (cfr Gen 2,8-15). Depois, a serpente é uma figura que deriva dos cultos orientais de fertilidade, que apelavam a Israel e constituíam uma constante tentação de abandonar a misteriosa aliança com Deus. À luz disto, a Sagrada Escritura apresenta a tentação por que passa Adão e Eva como o núcleo da tentação e do pecado. O que diz de fato a serpente? Não nega Deus, mas insinua uma pergunta sutil: “É verdade o que Deus disse ‘Não devem comer do fruto de toda árvore do jardim’? (Gen 3, 1). Deste modo, a serpente levanta a suspeita de que a aliança com Deus seja como uma prisão que une, que priva da liberdade e das coisas mais belas e preciosas da vida. A tentação torna-se construir sozinho o mundo no qual viver, não aceitar os limites do ser criatura, os limites do bem e do mal, da moralidade; a dependência do amor criador de Deus é visto como um fardo do qual libertar-se. Este é sempre o núcleo da tentação. Mas quando se distorce a relação com Deus, com uma mentira, colocando em seu lugar, todos os outros relacionamentos são alterados. Então o outro transforma-se um rival, uma ameaça: Adão, depois de ter cedido à tentação, acusa imediatamente Eva (cfr Gen 3,12); os dois se escondem da vista daquele Deus com o qual conversavam em amizade (cfr 3,8-10); o mundo não é mais o jardim no qual viver com harmonia, mas um lugar para desfrutar e no qual se escondem armadilhas (cfr 3,14-19); a inveja e o ódio contra a outro entram no coração do homem: a exemplo de Caim que mata o próprio irmão Abel (cfr 4,3-9). Indo contra o seu criador, na verdade o homem vai contra si mesmo, renega a sua origem e também a sua verdade; e o mal entra no mundo, com a sua penosa prisão de dor e de morte. E assim tudo quanto Deus havia criado era bom, na verdade, muito bom, depois desta livre decisão do homem pela mentira contra a verdade, o mal entra no mundo.

Dos relatos da criação, gostaria de evidenciar um último ensinamento: o pecado gera pecado e todos os pecados da história estão ligados entre si. Este aspecto nos impele a falar sobre o que é o chamado “pecado original”. Qual é o significado desta realidade, difícil de compreender? Gostaria de citar somente alguns elementos. Antes de tudo, devemos considerar que nenhum homem é fechado em si mesmo, nenhum pode viver sozinho, por si só; nós recebemos a vida do outro e não somente no momento do nascimento, mas a cada dia. O ser humano é relacional: eu sou eu mesmo somente no tu e através do tu, na relação do amor com o Tu de Deus e o tu dos outros. Bem, o pecado é perturbar ou destruir a relação com Deus, esta é a sua essência: destruir a relação com Deus, a relação fundamental, colocar-se no lugar de Deus. O Catecismo da Igreja Católica afirma que com o primeiro pecado o homem “fez a escolha de si mesmo contra Deus, contra as exigências da própria condição de criatura e conseqüentemente contra o próprio bem” (n. 398). Perturbada a relação fundamental, são comprometidos ou destruídos também os outros pólos da relação, o pecado arruína as relações, assim arruína tudo, porque nós somos relações. Ora, se a estrutura relacional da humanidade é perturbada desde o início, cada homem entra em um mundo marcado por esta perturbação das relações, entra em um mundo perturbado pelo pecado, do qual é marcado pessoalmente; o pecado inicial ataca e fere a natureza humana (cfr Catechismo della Chiesa Cattolica, 404-406). E o homem sozinho não pode sair desta situação, não pode redimir-se sozinho; somente o próprio Criador pode restabelecer as relações certas. Somente se Aquele do qual nós

fomos desviados vem a nós e nos toma pela mão com amor, as relações corretas podem ser retomadas. Isso acontece em Jesus Cristo, que cumpre exatamente o percurso inverso daquele de Adão, como descreve o hino do segundo capítulo da Carta de São Paulo aos Filipenses (2,5-11): enquanto Adão não reconhece o seu ser criatura e quer colocar-se no lugar de Deus, Jesus, o Filho de Deus, está em uma relação filial perfeita com o Pai, reduz-se, transforma-se servo, percorre o caminho do amor humilhando-se até a morte de cruz, para reordenar a relação com Deus. A Cruz de Cristo transforma-se assim na nova árvore da vida.

Queridos irmãos e irmãs, viver de fé quer dizer reconhecer a grandeza de Deus e aceitar a nossa pequenez, a nossa condição de criatura deixando que o Senhor a transborde com o seu amor e assim cresça a nossa verdadeira grandeza. O mal, com a sua carga de dor e sofrimento, é um mistério que vem iluminado pela luz da fé, que nos dá a certeza de poder ser libertos: a certeza de que é bom ser um homem.

Benedictus PP XVI